



Um ano novo para os professores de Portugal



<http://www.fle.pt/destaque/um-ano-novo-para-os-professores-de-portugal/>

Contrariamente ao que muitos querem fazer crer, não existe ninguém mais habilitado para escolher o melhor percurso educativo de uma criança do que o professor!

E hoje, vivendo como meros funcionários administrativos, que ensinam aquilo que o Ministério da Educação os obriga a ensinar e utilizando as metodologias que lhes são impostas, os professores vivem subjugados numa autêntica ditadura e não têm a mínima autonomia para exercerem a sua profissão. Como é evidente, esta situação trás problemas gravíssimos aos professores, aos alunos e também a Portugal. Em primeiro lugar porque impede o correcto aproveitamento das muitas potencialidades que os professores apresentam, nomeadamente ao nível as suas capacidades de avaliação e adequação metodológica àquilo que são as principais características dos alunos. Depois, porque ao impedir a sua autonomia, inibe ainda os professores de encontrarem novos caminhos e novas dinâmicas em direcção à excelência do ensino. Ou seja, por todos estes motivos, a impossibilidade de oferecer aos professores um grau de autonomia compatível com as necessidades de Portugal, está a colocar o mote da escola não na excelência dos resultados mas, sobretudo, na quantidade de resultados alcançados. O que com isto assistimos é a uma incorrecta calibragem de todo o sistema com prejuízos evidentes para professores, alunos, escolas e, sobretudo, as novas gerações de Portugueses.

Os professores têm de ser valorizados na sua carreira e têm também de ver reforçada a sua autonomia. Só assim podem trabalhar bem e só dessa maneira conseguirão pôr em prática, em favor dos seus alunos e de toda a comunidade, todas as potencialidades que eles têm e que neste momento estão controladas exteriormente. Não faz sentido que o Estado entre nas salas de aulas. Aí, terão de ser os professores com as suas capacidades e ferramentas a gerir o que se passa. Como é evidente, esta autonomia significa um acréscimo de responsabilidade e esta, por seu turno, obriga a que o Estado construa mecanismos que permitam medir o grau de excelência e os resultados que ali são alcançados. Mas é de excelência que falamos e essa, mais do que qualquer outra coisa, terá de se centrar na valorização dos professores, das suas carreiras e das potencialidades que eles apresentam. Só assim podemos aspirar a alcançar um ensino verdadeiramente centrado nas crianças e jovens e não, como agora acontece, nas escolas e nos diversos grupos de pressão que mediaticamente vão afectando o sistema.

É nos professores, e no sentido mais lato, na própria escola, que deve estar concentrada a autonomia porque dela depende a qualidade do nosso ensino e, em última instância, o futuro da próxima geração de Portugueses.